



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
jantar de recebimento do Prêmio Personalidade França-Brasil 2010,
oferecido pela Câmara de Comércio França-Brasil**

Rio de Janeiro-RJ, 19 de novembro de 2010

Meu caro companheiro governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,
Senhora Christine Lagarde, ministra da Economia da França,
Senhor Yves Saint-Geours, embaixador da França no Brasil,
Meu caro Nelson Jobim, ministro da Defesa,
José Temporão, ministro da Saúde,
Marcio Fortes, [ministro] das Cidades,
Companheiros franceses, companheiros brasileiros,
Empresários,
Jornalistas,
Senadores,
Deputados,
Meus amigos e minhas amigas,

Quando houve a Revolução Mexicana, o Zapata tomou uma decisão: não ler mais nominata. Ele só dizia “concidadãos mexicanos”. A nominata, normalmente, com a quantidade de autoridades aqui presentes, seria muito longa, e eu gostaria de cumprimentar todos vocês, agradecer de coração a presença de vocês, e confessar a vocês que eu não sei se eu mereço metade dos elogios que eu ouvi, no telão. De qualquer forma, em fim de mandato, todo mundo fala muito bem de quem está saindo.



Antes de tudo, agradeço a homenagem que me foi concedida. Este evento reafirma a abrangência dos laços comerciais e políticos entre duas nações que têm consciência do seu papel na singular transição em curso na economia mundial. Vivemos o crepúsculo de uma ordem saturada e o nascimento de uma nova geopolítica.

O fortalecimento das relações bilaterais entre França e Brasil tem se traduzido numa crescente sintonia de pontos de vista sobre as grandes agendas que emergem no plano multilateral.

Falo de percepções convergentes sobre o necessário controle dos capitais especulativos; a reforma da ONU, para torná-la mais representativa; a parceria contra a fome e a miséria, bem como o inadiável equilíbrio entre o desenvolvimento e o meio ambiente.

O Brasil emerge como um dos grandes atores do novo mundo que se esboça no horizonte dessa travessia. A capacidade de recuperação brasileira nesta crise consolidou nosso país como um parceiro à altura das grandes tarefas voltadas para a reordenação financeira e institucional que rege a vida das nações.

Nossa convergência de pontos de vista com a França consolidou-se num acordo de Parceria Estratégica, lançado por ocasião da nossa visita a Paris, em julho de 2005, no governo do presidente Chirac. E concretizado com a adoção do Plano de Ação da Parceria Estratégica, firmado em dezembro de 2008, na visita do presidente Sarkozy ao Brasil.

A cooperação francesa e brasileira estende-se hoje desde o campo da defesa à pesquisa espacial; passa pela energia nuclear, e abrange nossas responsabilidades comuns com o desenvolvimento sustentável.

Compartilhamos a governança da maior floresta tropical do Planeta. Juntos criamos o Centro Franco-Brasileiro da Biodiversidade Amazônica e firmamos o Protocolo de Cooperação para o Desenvolvimento Sustentável do Bioma Amazônico.



Na esfera econômico-comercial, cumpre assinalar o estabelecimento, em março de 2009, da Câmara de Comércio do Brasil na França. Mais de 4.200 empresas francesas têm negócios hoje com o Brasil. Quase 75% delas pertencem a pequenos e médios empreendedores, justamente uma das áreas empresariais que devem se destacar no crescimento brasileiro nos próximos anos.

A presença francesa direta no Brasil reúne cerca de 400 empresas de diferentes setores. Por seu dinamismo econômico e tecnológico, elas estão credenciadas a participar cada vez mais do sólido ciclo de investimentos em curso em nosso mercado.

Transportes, energia, meio ambiente, construção, telecomunicações, saúde, biodiesel, agricultura: em cada um desses setores, o Brasil abriga um amplo repertório de projetos abertos a parcerias e investimentos com capitais produtivos.

Queremos recuperar a corrente de comércio entre Brasil e França, anterior à contração do comércio internacional, da ordem de US\$ 9 bilhões. Temos todas as condições para superá-la ao longo dos próximos anos.

Juntos, podemos alterar o tabuleiro da indústria aeronáutica mundial. A França tem tecnologia que nos interessa. A Embraer é a terceira maior empresa fabricante de aeronaves comerciais do mundo. Seus produtos têm forte presença nos mercados emergentes.

Nosso país dispõe igualmente de trunfos para ampliar a presença no mercado europeu. O biodiesel brasileiro é o mais barato e o mais competitivo dos combustíveis alternativos com escala comercial testada e aprovada. Pode contribuir para viabilizar o desenvolvimento com equilíbrio ambiental que tanto preocupa nossos povos.

Minhas amigas e meus amigos,

Dificuldades imediatas, como a guerra cambial em curso, não devem ofuscar a visão do amplo horizonte que se abre à nossa frente. O rosto que a



economia mundial terá no século XXI está com seus traços delineados. A face mais vibrante desse renascimento pertence às economias emergentes, sobre as quais estão depositadas as esperanças e as energias do comércio e do crescimento nos próximos anos.

O Brasil, com seu gigantesco mercado de massas, que reúne 53% da população e 46% do PIB é uma das alavancas propulsoras dessa renovação. Mas não só o Brasil. A grande lição deixada pela convalescença da crise é que não existe desenvolvimento sem demanda.

O mundo que agora se debate em recessão e desemprego dispõe de um gigantesco estoque de necessidades a hibernar na pobreza e na exclusão das sociedades pobres e em desenvolvimento. Reverter esse desperdício de vidas, de energia, de produção e de comércio talvez seja a mais urgente, a mais oportuna e a mais promissora das parcerias reclamadas no cenário mundial.

O que está em jogo é uma convergência de interesses que a lógica corroída do passado não consegue enxergar. Trata-se de superar o círculo vicioso da fome e da miséria nas economias pobres, mas simultaneamente, romper a espiral da recessão e do desalento nas economias ricas.

Ninguém deve pedir licença para deixar de ser pobre. A duras penas, o mundo em desenvolvimento aprendeu nos últimos anos quais são as suas obrigações. E a primeira delas é reconhecer que a superação da miséria e da fome não é uma tarefa que possa ser terceirizada.

A redução do protecionismo que penaliza o desenvolvimento agrícola das nações mais pobres, mas também asfixia a sua demanda, portanto inibe o comércio mundial, é um desses elos comuns.

É indispensável estender nossas convergências econômicas para a incontornável agenda da reforma dos organismos internacionais. Em pleno século XXI, a voz das nações pobres ainda tem o mesmo peso que lhes reservava a ordem colonial.



São esses compromissos que, em última instância, realimentam fortemente o intercâmbio entre as nossas nações. Abraçá-los, juntos, assegura o horizonte promissor das relações entre Brasil e França.

Meus companheiros e companheiras,

Eu queria pedir desculpas a vocês, como sempre, eu vou ter que fazer um improvizozinho porque o que está escrito aqui parecia que ia contemplar, Sérgio Cabral, o que eu queria dizer. Nós temos que ir para São Paulo, nós temos que chegar ao aeroporto de Congonhas até as onze horas da noite. Mas eu penso que eu não poderia deixar de dizer uma palavra carinhosa ao meu amigo Sarkozy e às boas relações entre Brasil e França.

Eu queria começar dizendo para vocês que a primeira coisa que eu aprendi, muito cedo, é que ninguém respeita quem não se respeita. Durante muito tempo, lamentavelmente, o nosso país não se respeitou. Possivelmente, porque nós fomos uma nação colonizada durante séculos; possivelmente, porque nós aprendemos desde muito cedo que quem era importante eram aqueles que nos tinham colonizado, eram aqueles considerados países ricos, e nós, países do Terceiro Mundo estávamos predestinados a continuar sendo países do Terceiro Mundo.

Eu aprendi que a política não pode ser assim, e ela não é uma ciência exata. A política muda na medida em que muda a cabeça dos dirigentes de uma empresa, de uma cidade, de um estado ou de uma nação. Eu tive o prazer de, assumindo a Presidência da República, conviver um período com o presidente Chirac e conviver um momento com o presidente Sarkozy. Eu tive o prazer de ser o único presidente da história a sair de um Fórum Social Mundial, que se reunia para contestar o Fórum Econômico de Davos, e ir a Davos com a mesma simplicidade e a mesma cabeça erguida com que eu tinha saído do primeiro Fórum Social de Porto Alegre. Eu tive o prazer de ser o primeiro presidente da República do Brasil a participar de uma reunião do G-8 em Evian, a convite do presidente Chirac. E quando cheguei lá, tive uma surpresa



inusitada: eu nunca vi tanto arame farpado cercando o hotel em que a gente estava. Eu comecei a descobrir que não era possível que homens tão bem dotados de grandes possibilidades de resolver os problemas do seu país fossem obrigados a fazer reuniões cada vez mais distantes, cada vez mais cercados, cada vez mais isolados da comunidade. Porque se nós estivéssemos reunidos para discutir coisas em benefício do povo, era melhor que a gente fizesse uma assembleia como esta aqui, no jantar, em que a gente pudesse conversar abertamente sobre os problemas da Humanidade.

Pois bem, foi exatamente a partir de uma relação forte que nós estabelecemos com a França que a gente pôde ouvir do governo francês o primeiro discurso de dizer que o Brasil tinha que participar do Conselho Nacional da ONU, do Conselho de Segurança, dos membros permanentes. Porque todo mundo sabe que o Conselho de Segurança da ONU está, ainda, com uma representação de 60 anos atrás, quando a geopolítica não tinha nada a ver com a atual geopolítica. E foram exatamente o presidente Chirac e o presidente Sarkozy que disseram que era inexplicável o Brasil não participar do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Nós sabemos que é um clube fechado, cinco países e, por coincidência, são os cinco países que mais exportam armas no mundo e, portanto, são os cinco países responsáveis pela paz no mundo. Há uma contradição histórica. É só a gente assistir o filme O Senhor da Guerra, que a gente vai perceber o que acontece no mundo.

De qualquer forma, eu queria dizer para vocês que o legado que eu, com muito orgulho, vou deixar para este país são dois legados importantes, Sérgio. O primeiro é que qualquer pessoa pobre deste país, qualquer pessoa que não tenha diploma universitário, qualquer pessoa que não participe da elite dominante deste país, hoje está convencida que pode governar a sua cidade, o seu estado e o seu país. Nós não temos que pedir licença a ninguém e nós não nascemos apenas para bater palmas. Nós nascemos também para sermos aplaudidos pelas coisas que nós temos competência de fazer neste país. A



segunda coisa é que na relação internacional não existe país apenas rico ou país apenas pobre. Existe país que se respeita e país que não se respeita. Eu conheço hoje, meu caro Minc, no mundo, país que não estava habituado a ser contestado. Eu conheço, hoje, país no mundo que achava que países como o Brasil deveria participar de reunião apenas para dizer “amém”. E nós aprendemos que nós não queremos participar de reunião apenas para dizer “amém”. Nós queremos participar de reuniões para dizer como é que nós compreendemos que as coisas precisam ser feitas. E por isso, nós não podemos concordar com a guerra cambial que os Estados Unidos estão fazendo para resolver o seu problema de déficit fiscal, sem se importar com o que está acontecendo em outros países do mundo que dependem da economia e que dependem do dólar - que antes estava ligado ao ouro e que agora não está mais ligado, mas só um país consegue produzir a moeda.

Esses temas eram proibidos de serem discutidos, e nós queremos discuti-los porque este país alcançou o estágio que alcançou às custas de muito sofrimento, às custas de muita gente que ficou décadas e décadas desempregada, e que aprendeu agora. Neste mês, é importante lembrar: nós atingimos mais de 15 milhões de empregos com carteira assinada, criados neste país.

Então, este país aprendeu a gostar de si, este país aprendeu a se respeitar, este país aprendeu a ter autoestima e este país aprendeu a compreender que ele pode produzir coisas tão boas quanto qualquer outro país do mundo.

Daí a importância de termos uma relação estratégica com a França, de termos uma relação estratégica na produção científica e tecnológica, de termos uma relação estratégica no setor de defesa, de termos uma relação estratégica no setor produtivo. A França pode contribuir muito com o Brasil e o Brasil, muito com a França.

Por isso eu quero, minha cara Ministra, aqui agradecer ao Sarkozy,



através da sua presença. Dizer que eu acho que é inexorável, é inexorável o aprimoramento da relação França e Brasil. Eu tive a oportunidade de participar do Ano França e Brasil [Ano do Brasil na França] realizado em Paris, e vi o quanto o povo francês gosta do Brasil. Tive a oportunidade de participar do Ano Brasil-França [Ano da França no Brasil] aqui no Brasil, e tive a oportunidade de ver como o povo brasileiro gosta de ir para a França. É francês adorando vir para o Rio de Janeiro e brasileiro adorando ir para Paris. Ninguém quer ir para Garanhuns, a minha terra natal. Mas, de qualquer forma, isso demonstra, isso demonstra a aproximação intelectual entre Brasil e França, a aproximação sindical entre Brasil e França, a aproximação empresarial entre Brasil e França, a aproximação governamental entre Brasil e França.

Por isso, eu quero agradecer de coração este prêmio dado a mim pela Câmara de Comércio. Eu pensei que o prêmio era em dinheiro, mas isto aqui, isto aqui vale mais do que dinheiro. Eu espero que com este prêmio aqui eu possa andar com ele no bolso, Sérgio, para poder mostrar: olha, eu sou o homem do Ano Brasil-França, por favor me dê licença que eu quero passar.

Um grande abraço, muito obrigado. Eu quero transmitir, de público, um grande abraço ao presidente Sarkozy que, mais do que presidente, é um companheiro e um amigo de quem eu guardarei grandes recordações por toda a minha vida.

Um abraço.

(\$211 A)